

# Textos

## Marcos Antônio Bulgos de Andrade

Coleção de artigos do Autor, colhidos de forma livre nos meios eletrônicos e redes sociais, jornais, revistas e livros diversos.

Todos estes trabalhos foram colhidos de forma eletrônica, já publicados e disponíveis livremente.

Esta coleção não é um livro, apenas um apanhado para registrar os trabalhos de sua autoria e/ou de sua preferência, publicados por ele, sobre temas diversos.

A critério do Autor poderá ser transformado em livro.

O ProjetoPF pode ajudar nesta tarefa. Contate-nos.

Data : 18/02/2019

Título : A ARANHA E A PAREDE

Categoria: Contos

Manhã de sol. A vontade tarda a chegar. O café fresco, com biscoito de manteiga e um cheirinho no guri. Escovar os dentes e pronto, o sono se foi.

O trabalhador carrega a caixa, a enxada junta a areia, mistura com cimento e cal, que dá melhor liga. Recolhe tijolos pesados sob o olhar atento do guri. Pega a colher de pedreiro, pede o trabalhador ao menino.

Principia o serviço. Areia, cimento, cal, água e enxada, mais enxada. A massa está pronta. Vai massa, tijolo e o fio para servir de guia. Vai massa, tijolo; vai massa, tijolo e suor. O guri espia.

- Pai, não dava pra fazer o cimento com barro?

- Antigamente era assim. Tijolo é barro cozido. Cimento é pedra calcária misturada com argila. Cal é pedra calcária britada e moída.

A parede vai crescendo, diante dos olhos do guri e do trabalhador.

Hora do descanso. Um bom banho. O jantar está na mesa meus amores, diz a mulher zelosa. O pequeno já caiu no sono. A cama está quentinha.

Outro dia. Pá, enxada, cimento, cal, areia, água e vontade. Mistura, mistura. Tijolo, massa; massa, tijolo. A parede está quase pronta.

E mais um dia termina. O menino, o trabalhador e a mulher zelosa adormecem em paz. Eis o lar.

Na manhã do terceiro dia o trabalhador precisa buscar o sustento e deixa a parede para o outro final de semana. A mulher zelosa também precisa ajudar no sustento. O guri vai para a escola. Meio turno, feito a mulher zelosa. A casa é seu abrigo. Ele olha a parede secar com o sol amigo.

A mulher zelosa cuida da casa. O guri se diverte com os caramujos que encontra escondidos nas raízes e folhas das folhagens mais tenras.

É tarde. O homem chega cansado. O guri pula em seu colo. Um cheiro. O jornal da TV. Uma oração antes do jantar. A cama.

O final de semana demora a chegar. O guri está ansioso.

- A parede, pai? Quer saber. Os olhos brilhantes.
- O final de semana é o dia do trabalhador, bem sabes.
- Tá. Responde resignado o guri.

A mulher zelosa sorri. Está crescendo tão depressa meu cheirinho...

O sábado chegou. Viva. É massa, enxada, pá, cimento, suor, areia, descanso com bolo e suco, tijolo e guri. Pronto. Falta só o reboco.

- Reboco, pai?
- Outra mistura, com uma areia branquinha, fininha como teus cabelos.
- Meus cabelos não são brancos! Reclama e toca conferir, pra ver se não se enganou.

Domingo um churrasco, porque trabalhador merece. Neste vamos descansar, guri.

- Mais uma semana! Suspira, aflito.
- Paciência e respeito - diz o trabalhador - com o tempo, com o trabalho, com o corpo, para não adoecer. Temos que amar o que fazemos.

Novo final de semana de mistura, guri bulindo com formigas, carrinhos de ferro e bolita. Trabalhador na peleia, sem dor. Sorrindo. Sorrindo de amor pelo guri e pela mulher zelosa. Pronto. Agora é esperar secar.

- De novo! - Torna o guri a suspirar, em sua inocente impaciência.
- Paciência, paciência... O mundo não vai acabar.

Mulher zelosa prepara um manjar. Cuca, pudim, suco engarrafado, com gás.

- Sábado ou domingo? Quer saber o trabalhador.
- Domingo. Teus pais vêm aí. Meus pais, os irmãos e os primos.

Domingo, o menino acorda iluminado. Com o muro havia sonhado. Uma aranha descera do telhado.

- Ela fez uma teia no muro todinho, pai.

A parentada. Churrasco outra vez. Risadas. Meninada correndo em algazarra. A felicidade está ali, naquela casa iluminada.

Ah, é natal e o guri faz anos. Algo havia, com certeza. Muitos presentes da parentela. Carrinho, bola, gibi. Giz de cera colorido foi a mãe zelosa quem lhe dera.

Menino fica a olhar para o trabalhador. Sente uma pontinha de dor. Meu presente, esquecera?

Trabalhador sorri. Vem o bolo. Guri sopra as velas. Todos cantam parabéns. Pai trabalhador abraça o guri. Pega ele pelo braço e o leva ao quintal, onde construiu um muro alto, branco, sem igual. É teu. Pinta-o com teu coração. O guri pula de emoção. Estava pensando, ele diz, pra que pai está construindo um muro sem serventia, no meio do terreno? E toca a desenhar e pintar, com os primos na companhia. Seu primeiro desenho uma casa, três pessoinhas de mãos dadas.

A aranha, danada, que lhe assombrara o sonho com teia e tudo, fica no alto do muro, espiando, calada, só esperando o guri dormir para entrar em cena. Se tivesse boca de sorrir, sorriria; se tivesse boca de falar, diria: Eis a felicidade aqui.

Data : 10/03/2016

Título : A COISINHA

Categoria: Contos

Descrição: Uma história sobre velhas amizades, polícia e confusões.

Meuro era escriturário, vivia sozinho e seu único vício era uma cervejinha com os amigos nos finais de semana.

Seu nome sempre confundia as pessoas, que lhe perguntavam – Não seria Mauro? Ele, com a paz e paciência de Gandhi, respondia. – Não. É assim mesmo - Meuro. É que meu pai sempre dizia antes de eu nascer “esse é meu ouro”. Entende? As pessoas entendiam, mas não gostavam e opinavam pela abertura de processo para que ele mudasse o nome para Mauro, que era mais fácil e comum.

Entre seus poucos amigos encontrava-se, no ápice da pirâmide que ele fizera para acrescentar quem de mais valor, Sergio Galetus.

Sergio era jogador de cartas inveterado. Fumava e bebia todas, principalmente uísque. Nunca tivera cuidado com o corpo ou com a mente. Levava, segundo ele

mesmo, uma vida livre. Apesar de todos esses pesares, era casado e tinha três filhas.

A mais velha, já casada, morava no exterior e lhe dera um casal de netos. A do meio estudava e, segundo as más línguas, dava tanto quanto. Mas, se serve de consolo, ela não era lá muito de estudar.

A mais nova, que tinha apenas treze anos, era muito linda. Tinha os olhos mais gateados que Meuro já vira em sua vida, mas eram muito parecidos com os da mãe, por quem ele nutrira a vida toda um amor platônico.

Ocorre que, em meados do ano de seu aniversário, Meuro ficou sabendo que Sérgio desenvolvera um câncer no fígado.

Em virtude do estilo de vida que levava não possuía casa própria e nem dinheiro para custear o tratamento, que de início, segundo o que lhe contaram outros amigos, deveria ser através de quimioterapia e posteriormente radioterapia.

Sua aparência evidenciava a debilidade que o corpo sofria. As tosses eram longas e sofríveis e, por vezes, chegava a urrar em estertores alucinados.

Já sem forças para suportar a dor do esposo, Lelinha andava às tontas. Era preciso prover para a família e para o tratamento. Mas onde buscar meios monetários se os amigos se evadiam da companhia de Sérgio?

A menina, vendo o sofrer familiar e o descaso dos amigos, deliberou procurar por Meuro naquela mesma tarde em que vira o pai cuspir sangue.

É preciso esclarecer que Meuro fora o único amigo que nunca se separara de Sérgio e de seu amor platônico.

A menina, com certo receio, ao fim da tarde, bateu á porta da casa de Meuro. Antes que o arrependimento lhe tocasse a campainha da consciência, Meuro lhe saudou com uma pergunta assustada.

- O que foi menina? Aconteceu algo com teu pai?
- Não Sr. Meuro, digo, sim.
- Então fale logo, que meu coração já salta do peito!
- Posso entrar?
- Ah, desculpe-me a distração. Entre. Quer tomar alguma coisa?
- Não, obrigada. Eu não estou com sede.
- Então, você ia dizendo que...
- Que meu pai está muito mal seu Meuro.
- Sim, eu sei. Tenho muita pena dele.
- Pois então. Dos amigos dele, somente o senhor o visita e, pelo que ouço falar, é seu consolo.
- Prossiga, por favor.
- O caso é que nós estamos passando muitas necessidades. Que não temos dinheiro para comer e muito menos para o tratamento de papai...

Meuro coçou o queixo. Baixou a cabeça e olhou para o assoalho sempre muito brilhante.

- Eu imagino querida.
- Meu pai não sabe que eu estou aqui... Nem a mamãe.

Os olhos de Meuro brilharam. Sua mente viajava.

- Mas, diga lá, o que lhe vai à cabeça?
- Eu vim pedir ao senhor que, por amor de Deus, nos ajude. Eu sei que provavelmente a gente não tenha como pagar e...

A menina começou a chorar. Meuro aproximou-se e abraçou-a, carinhosamente, pediu que se acalmasse e lhe alcançou um copo com água e açúcar.

- É que é muito triste seu Meuro. Meu pai é um cara legal, um bom pai, muito embora nunca tenha cuidado da própria saúde.
- Vamos fazer o seguinte. Você vê lá com sua mãe de quanto precisa para o tratamento do Sergio e depois me conta e nós conversamos. Mas não conta nada pra tua mãe e nem pro Sergio.

Mais calma, a menina abraçou Meuro e beijou-o no rosto, agradecendo de antemão pela ajuda.

- Mas que fique bem claro menina,- esclarecia - vamos conversar antes de qualquer decisão.
- Certo seu Meuro. Amanhã eu venho aqui no mesmo horário.

Naquela noite Meuro debateu-se muito na cama, entre sonhos e devaneios. A lembrança das palavras da menina e seus olhos lhe tiravam o sono. Levantou-se e preparou um bom café com açúcar. Muito embora soubesse que café preto não era recomendado para acalmar e nem para deixar dormir.

Entre lembranças do passado e sentimentos mal resolvidos deliberou o que iria fazer quando a menina voltasse. É claro que o valor seria levado em conta, mas como homem sem família, posto que fosse filho único e seus pais já haviam desencarnado há muito tempo, nada o impediria de abrir mão de certa quantia.

A menina chegou no dia e horário combinados. Estava maravilhosa. Vestia uma minissaia que combinava com a cor de seus olhos, realçando-os. Era uma femme fatale com certeza.

Meuro abriu a porta, constrangido com a presença da menina, mas feliz. Uma felicidade que não poderia ser descrita em palavras ditas ou escritas.

A menina entrou e foi logo mostrando o valor do tratamento com as mãos. Meuro pensou e por fim falou.

- Certo. Eu concordo, mas quero algo em troca.
- Pode falar seu Meuro.
- Sem rodeios. Eu quero a "coisinha".
- Eu... Quer dizer... Meu pai... - gaguejava a menina.
- Calma. Não precisa me dar a resposta agora.
- É que meu pai me fez prometer que, mesmo que isso custasse sua vida, que eu não a desse para ninguém, nem vendesse, por que era algo muito precioso

e eu ainda não tinha idade e nem noção do quanto, mas mais tarde eu saberia e talvez fosse tarde para arrependimento.

- Eu sei que estou pedindo muito, mas esse é meu preço. Meuro disse isso com firmeza, muito embora titubeasse um pouco, desviando o olhar do olhar da menina.

Ela se remexia na cadeira, chamando a atenção para suas tenras coxas à mostra. A boca, carnuda e aveludada, levemente pintada com brilho labial, aroma de morango, aguçava a curiosidade de quem a visse passar. Para completar o quadro uma miniblusa deixava amostra o piercing no umbigo.

- Eu preciso pensar. Eu preciso pensar.

- Mas, por favor, não comente nada com tua família. Não queremos causar nenhum desconforto, já que somos amigos há tanto tempo.

A menina saiu da casa muito pensativa. Um olhar profundo e assustado. Meuro ficou remoendo o que havia dito. Agora não posso voltar atrás, pensava entre ansiedade e nervosismo.

No dia seguinte, na escola, a menina contou o ocorrido para uma amiga, mas pediu segredo.

A amiga, que era filha de um policial, contou a história em casa. O policial ficou muito surpreso com o que ouviu. Em seu local de trabalho comentou com o Delegado e combinaram um flagrante e então ele orientou a filha a desvendar o horário em que tudo se daria.

Passaram-se duas semanas e nada de a menina dar sinal. Meuro quase morria de nervosismo. Será que ela havia contado para o pai, para a mãe, para a família toda? Nesse período não teve coragem de procurar o amigo com medo do que poderia acontecer.

Numa sexta-feira, fim de tarde, Meuro recebeu um telefonema. Era a menina dizendo que iria a sua casa naquele dia.

A polícia estava a postos com as informações coletadas pela filha do policial. A menina confidenciou a amiga que havia aceitado o pedido de Meuro e que iria dar o que ele lhe pedira.

Sete agentes policiais e um delegado estavam nas imediações da casa, disfarçados, para atuar quando tudo se desse. A menina carregava consigo um transmissor que a amiga havia implantado em sua bolsa sem seu conhecimento. Tudo para que as coisas ocorressem naturalmente.

Meuro tomou um bom banho, perfumou-se e vestiu uma roupa leve e descontraída.

A menina chegou à casa de Meuro, vestida nos moldes da data anterior, com a pequena bolsa a tiracolo. Em um compartimento da bolsa estava o transmissor.

- Boa tarde – disse Meuro, nervoso.

- Boa tarde seu Meuro – a menina também estava muito nervosa.

- Entre. Vamos conversar.

- Eu resolvi lhe dar o que o senhor pediu.

- Mas você não disse que seu pai pediu-lhe que não abrisse mão para qualquer pessoa – retorquiu Meuro, com a finalidade de afastar o sentimento de culpa que o carcomia.

- Eu sei – retrucou a menina com lágrimas nos olhos. Mas meu pai está cada vez mais debilitado e temo que morra sem atendimento, além do fato de que o senhor não é "qualquer pessoa".

- Eu sinto muito em lhe pedir isso, mas é que... Você sabe como são as coisas na vida da gente, não é?

- Sim eu sei. Eu prometo que não vou me arrepender.

- Tem certeza. Eu não quero forçá-la a nada.

- Sim. Eu tenho certeza.

- Então me mostre a "coisinha".

Nesse instante ouviu-se um estrondo na porta de entrada da casa e vários policiais com armas na mão gritavam “polícia, polícia, não se mexa seu pedófilo”. Meuro estava muito assustado. A menina chorava convulsivamente, enquanto segurava um pequeno envelope em suas mãos.

- A prova – disse o Delegado, apontando para o envelope que a menina carregava, provavelmente com o dinheiro que o pedófilo lhe entregara - A prova está nas mãos dela.

Um policial afoito saltou e tomou o envelope das mãos da menina, que não conseguia se controlar e chorava muito.

Meuro só olhava para aqueles homens armados, todos com semblantes severos e gestos agressivos.

O delegado abriu o envelope e, em seu interior, que parecia vazio, encontrou apenas um selo. Um pequeno selo velho, mas bem conservado, dentro de um pequeno invólucro plástico fechado a vácuo.

- Mas o que significa isso? – disse o Delegado dirigindo-se a Meuro, contrariado por que no interior do envelope não havia dinheiro.

- É que eu sou filatelista - explicou Meuro - e esse é o único selo que me faltava na coleção, um "olho de boi", herança de meu avô. O pai da menina é meu amigo e me ganhou ele quando ainda éramos crianças, num jogo de bafo.

Data : 20/02/2019

Título : AO ACORDAR

Categoria: Poesia

Abro bem os olhos  
Para ter certeza que posso ver  
As belezas que Deus fez  
E as mazelas humanas.

Limpo bem os meus ouvidos  
Para ter certeza de que ouço  
Os sons magníficos da mãe natureza  
E os gritos do vizinho.

Abro a boca e rezo um creio  
Para ter certeza que não sou mudo  
Sinto a doçura dos chocolates  
E o fel dos desalentos.

Inspiro fundo o ar fresco da manhã  
Para ter certeza que posso respirar  
Sinto um cheiro de maçãs  
E o fedor lá do lixão.

Estico os braços nas alturas  
Para ter certeza que posso movê-los  
Colho flores pra Maria (baleada)  
Levo-as em seu enterro

Mecho as pernas, toco o chão  
Para ter certeza que não sou cadeirante  
Já corri campos quando menino  
Fugi de muitos assaltantes.

Posto mãos e ofereço  
Uma oração de fé (eu agradeço)  
Por ser um perfeito do mundo  
Quando outro assim não é.



Dobro joelhos e oro  
Cheio de dor no coração  
Sou perfeito? Não sou não  
Por que nasci neste mundo  
Cheio de dor e aflição.  
Mas eu busco.

Data : 19/08/2013

Título : CALAFRIO

Categoria: Poesia

Descrição: Se caju já fui Cajueiro Pitangueira virei pitanga

Se caju já fui Cajueiro  
Pitangueira virei pitanga  
se menino já fui desejo  
No ventre da esperança.

O pólem encontra a flor  
No vento que sopra ao léu  
O fruto é força do amor  
Que do encontro dos dois se deu.

A enchada escrafuncha a terra  
Na busca, no sonho, na dor  
No conchego das eras.

No seio menina flor  
no colo um calafrio  
na alma tudo mudou.

Data : 18/02/2019

Título : DEUS E O DIABO O PRINCÍPIO DE TUDO

Categoria: Contos

Certa feita, Deus e o Diabo estavam travando um diálogo, quando Deus resolveu mostrar ao Diabo sua nova criação.

- Venha, vou lhe mostrar o que andei inventando nestes dias.
- O que pode ser agora? – disse o Diabo, já todo enciumado.
- Olha. O que você acha? Parece bom, não é?
- Humm, gostei. E como você vai chamar isso?
- Vou chamar de homem. Ainda carece de umas melhorias, mas ficou bueno, não é tchê?
- Claro. E de onde você tirou a ideia?
- Ah, veio assim, do nada.
- Não brinca, vai! Fala a verdade, você copiou de alguém?
- Bem, na verdade eu fui a um workshop de moldura em barro e aí veio a ideia.
- Pois é. Eu também fui a um workshop e criei algo, embora eu ache que esses workshops só servem para tirar a grana da gente. Mas, vamos lá em casa que eu te mostro minha criação.

Desceram das nuvens e rumaram para o inferno. Lá fazia um calor de matar bode.

- Lugarzinho bom esse para dar acabamento às criações de barro, já que a temperatura aqui ajuda no cozimento – disse Deus, para agradecer ao Diabo.
- Sinta-se em casa primo – respondeu o Diabo em meio a um sorriso. Vem, a obra está lá nos fundos.
- Olha, essa é minha obra prima – falou o Diabo, sorrindo faceiro, cheio de orgulho.
- Humm, interessante. Não tem pernas, não tem braços, não tem asas, só cabeça, pescoço e essa língua enorme bifurcada. E como você pretende chamar sua obra?
- Cobra. Vou chamá-la de cobra.
- Cobra! Interessante. E depois dessa você vai criar mais alguma coisa?
- Bem, vendo o que você criou, se me permite, acho que vou dar uma copiada, mas vou fazer um pouco diferente, com mais tutano, mais malícia, mais cadencia nas cadeiras, sem aqueles penduricalhos sem graça.

- E como você vai chamar sua nova obra, tchê?
- Cobra eu já tenho uma, então essa eu vou chamar de mulher.

Data : 23/06/2016

Título : EM VERDADE

Categoria: Poesia

Descrição: Inda hei de comprar um quilo de lealdade, amor, fraternidade

Inda hei de comprar um quilo  
de lealdade, amor, fraternidade  
e espalhar pela cidade  
para que a masmorra  
da insensatez  
e a casmurrice-burrice  
de cada qual  
fique a tuna  
perdida como uma nau  
de França  
em busca de um Brasil  
ainda nao descoberto  
ou descoberto  
a espera de um manto  
uma voz - Esperanto  
a traduzir em vida  
esta coisa  
que é a falta de um quilo  
disso, daquilo  
do que nos falta  
em verdade.

Data : 09/03/2016

Título : GESEBEL E O OGRO

Categoria: Contos

Descrição: Conto que trata da relação pais e filhos, da intransigência dos filhos e do resultado a que estão sujeitos.

Gesebel era uma menina muito inquieta que morava com sua avó em uma casa simples, perto de um bosque.

Ela crescia ouvindo a avó exortar:

- Não entre no borque Gesebel, lá existem ogros loucos que comem criancinhas.

Gesebel morria de medo do ogro, mas a curiosidade crescia junto com ela.

Quando alcançou a idade dos onze anos e a rebeldia que criam os filhos únicos, Gesebel sentiu-se pronta para enfrentar perigos.

Numa tarde especialmente linda, em que o sol banhava de luz as flores do campo e iluminava entre as árvores do bosque, Gesebel ouviu um canto. Era o canto mais lindo que já ouvira.

A doce voz vinha do bosque e a menina se perguntava:

- Será uma fada ao invés de um ogro?

Logo lembrava a avó reafirmando:

- No bosque não entre, pois de lá não vais sair.

A vontade a balançar seus anseios, o medo a dominar sua alma.

Mas naquele mesmo dia, quando a meia-tarde se anunciava, Gesebel sucumbiu ao desejo que o coisa ruim lhe incutia em forma de teimosa curiosidade e, incauta, adentrou o bosque atrás da voz que ouvia.

Avançou, a princípio, com passos lentos e cautelosos, mas à medida que avançava o som da voz aumentava.

Era tão doce a melodia que Gesebel nem se deu conta do quanto avançara e seus passos, lentos no começo, deram vez a uma louca corrida.

A luz do sol rareava aquelas alturas do dia. Gesebel perdeu o fio do caminho e se viu só, pequena, no meio do nada.

A voz cessou seu canto. Gesebel agora chorava baixinho e reclamava consigo:

- Por que não ouvi o que minha vizinha dizia?

De repente ouviu passos. Passos firmes e fortes, de coisa grande quebrando galhos e arfando alto.

Gesebel estremeceu e no oco de uma árvore se escondeu.

Quase gritou quando viu um grande e verde ogro que surgiu a sua frente com uma cesta de frutas silvestres pendurada em um dos braços.

O ogro parou. Farejou. Avistou Gesebel e correu feito criança assustada. A cesta ficou caída ali no chão.

Gesebel pensou – ele foi buscar os outros - e aproveitando a chance, tomou rumo. Só parou quando avistou a casa de madeira da avó.

No bosque o pequeno ogro retornava para buscar a cesta e atrás dele, numa interminável exortação, vinha dona ogra:

- Já te falei mais de mil vezes menino: não te afaste de casa, fica longe do campo, por que lá moram homens loucos que comem filhos de ogro.

Data : 18/02/2019

Título : HORA DO LANCHE

Categoria: Contos

Dexter desce do carro. Uma Ferrari vermelho vivo. Ele veste um blazer Armani Exchange bordô, sobre uma camisa também Armani, branca com pintas pretas, de gola, sem gravata. A calça é Pierre Cardin, em Jeans. O relógio, um Rolex presidente, com numeral verde. Seus sapatos pretos com detalhes em branco, brilham à luz da lua. Anel de formatura com pequenas pedras de rubi ao centro, detalhes da balança e espada nas laterais; dentro do círculo, suas iniciais. Os olhares femininos logo o percebem na entrada da boate. Ele é só sorriso. Seu semblante suave e os olhos verdes vivos, mesclados com a cor parda de sua pele, dão o tom final ao seu estilo.

Ele pede uma dose de Dalmore 18 anos, à lamanière de Richard Paterson. A noite está começando. Seus olhos diligentes buscam uma fêmea para saciar sua sede alfa. Logo avista uma presa. Uma linda morena cor de jambo, com requebrado malicioso nos quadris, cabelos longos, negros e ondulados.

Seus olhares se cruzam. A morena requebra na cadência da música alta que toca. Ele avança manhoso. Observa que a moça, ainda jovem, se faz acompanhar de três amigas, no frenesi da dança. Elas cochicham e riem da sua aproximação. Uma delas, a que parece ser a mais nova, dá um leve toque na morena, indicando com os olhos que ele a está observando. Ela sorri.

Ele avança e pede se pode acompanhá-las na dança. Elas concordam. Eles dançam durante várias horas, enquanto a conversa segue animada. Depois, já cansados e com seus corpos suados, resolvem se afastar para um diálogo mais tranquilo. Ele pede uma água para se hidratar e refrescar o corpo. Ela

compreende que ele quer permanecer sóbrio, o que julga bom. Eles conversam mais um pouco e resolvem se dirigir a um local mais reservado. Ele a convida para ir ao seu apartamento. Ela, em princípio, pensa em não aceitar, mas, diante daquele sorriso e daqueles olhos verdes magnéticos, resolve ceder.

No apartamento ele prepara uma bebida e põe uma música suave para tocar. Eles dançam e o primeiro beijo acontece. Entre beijos, abraços e mãos ligeiras, ela pede se pode tomar um banho rápido. Ele concorda e indica o toilette da suíte, onde tem uma banheira de hidromassagem. Pode ligar, ele diz, ela está equipada para liberar ervas aromatizantes e relaxantes. Enquanto isso, ele se banha no banheiro social.

Quando ela sai do banho ele já a espera deitado, nu. Então ela deixa cair a toalha que lhe cobre, pondo a mostra o corpo escultural com o qual a natureza a brindou. Isso excita os sentidos de Dexter. Ele fica pronto no ato. As pupilas da morena dilatam. Seu olfato, altamente aguçado, a põe pronta. Ela senta no colo dele, abraçando-o forte. Ele fecha os olhos e a invade com volúpia. Enquanto aquele corpo moreno e bem formado se deixa invadir, Dexter, num misto de prazer e dor, sente mortais caninos em seu pescoço, do qual jorra um sangue vivo, quente, cheiroso e suave, como o néctar dos deuses, no mesmo instante em que garras afiadas lhe rasgam a pele em tiras, não mais perfumada.

Data : 24/11/2013

Título : Meu menino

Categoria: Poesia

Descrição: Meu menino corre campos Nas lembranças de outrora

## MEU MENINO

Meu menino corre campos  
Nas lembranças de outrora.

Meu menino chora  
De saudade do que foi.

Dos banhos de açude  
Dos bodoques e sabiás

Trepar árvore, caçar pombinha,  
Rolar bola, jogar bolita,  
Empinar pipa, correr de rolimã.

Que saudade, que saudade...

Hoje vou soltar o menino  
Que o tempo aprisionou

Quero ser o Peter Pan  
E voar com os passarinhos

Vou ser menino um pouquinho  
E com meus filhos vou brincar.

Data : 18/02/2019

Título : O TODO

Categoria: Poesia

Meus pés tocam o chão  
e posso sentir a grama  
e os pedregulhos  
que a mãe terra me oferta.

Minhas mãos tocam  
o veludo das cordas  
de um violão  
e posso sentir o som  
nos meus ossos  
o som do vento

e das águas dos rios e do mar.  
Meus ouvidos tocam  
o silêncio da noite  
e posso ouvir o respirar  
de um pássaro dormindo  
de uma criança sonhando  
de um ancião se despedindo.  
Minha boca toca os sinos  
dos mil versos já compostos  
e posso sentir a arte  
quebrando todas as barreiras  
todas  
mesmo dos que teimam que é melhor ter  
sabendo que é melhor ser  
mesmo não encherando  
além do que a visão humana alcança.  
Eu sou todo arte  
da cabeça aos pés  
desde que me reconheço como ente.  
Sou parte de um todo  
que a humanidade ainda vai descobrir.

Data : 18/02/2019

Título : REJUNTE

Categoria: Poesia

Um tanto  
de tinta



no canto  
da sala.  
Um naco  
nanico  
de giz  
me embala.  
E vou  
feito pipa  
voando  
voando  
ficando arco-íris  
reinando  
entre cores  
de vários matizes.  
Se queres  
vem junto  
vieremos rejunte  
que cola as artes  
desse bem viver.

Data : 07/08/2013

Título : SAPOLINHO SONHADOR

Categoria: Poesia

Descrição: Sapolinho tá cansado De morar lá no banhado ...

Sapolinho tá cansado  
De morar lá no banhado

Vai saltando Sapolinho  
Sonha que é um passarinho

Fecha os olhos quando pula  
Bate asas que não tem

Sapolinho passarinho  
Voa assim como ninguém

Volta lá pro teu banhado  
Sapolinho assanhado  
Já é hora de dormir.

Data : 25/04/2017

Título : Um corpo na esquina

Categoria: Poesia

Descrição: Deambulava, um tosco Pela cidade em ruínas

Deambulava, um tosco  
Pela cidade em ruínas  
Quando deu com um corpo  
Nauseabundo, na esquina  
Muitos a sufragar  
Derramando, pela menina  
Lágrimas de sal  
O sol a esaldar  
A carcaça feminina  
Foi lamina, disse um  
Não, foi bala, disse outro  
E o corpo em putrefação  
Aguardava a polícia  
A perícia, o rabeção  
A vida pode ser dura  
O olhar alheio - candura

A alma de quem se foi - pureza  
Mas quem a derrubou  
Deixando-a ali, sem carinho  
Com certeza é um “Zinho”,  
Um “sem eira e nem beira”  
Um “qualquer” que passa pelo mundo  
E nem sabe que existe  
Nem sabe se o mundo existe  
Um triste  
Que nunca ouviu falar de amor.

Data : 18/02/2019

Título : VOO SOLO

Categoria: Poesia

De tempos em tempos  
abro minhas asas e voo  
É doce o planar  
Quem dera fosse sempre assim  
quem dera  
Eu bateria carreira com os sabiás  
espiava o João-de-barro fazer a casa  
piava com a coruja  
e ía sentar em uma laranjeira  
só pra ver a corruíra  
solando, assustada,  
enquanto a cachorrada  
avança contra o gato  
que pula o muro.  
Verdade, verdade  
de tempos em tempos

abro minhas asas de menino  
e vou colher pitanga.